

REVISTA
FAROL

ISSN Eletrônico: **2525-5908**
ISSN Impresso: **1807-9660**

revista.farol.edu.br
Vol. 21, Nº 21. 2024 - junho

Contato: revista@farol.edu.br

DESENVOLVIMENTO INFANTIL:

Os efeitos psicológicos da superproteção

Clara Livia Teixeira

Claudinéia dos Santos Foncêca

DESENVOLVIMENTO INFANTIL: Os efeitos psicológicos da superproteção

Clara Livia Teixeira¹
Claudineia dos Santos Foncêca²

Resumo: Tendo em vista o desenvolvimento infantil e a necessidade de cuidado e proteção, surge-se a importância da relação de apego entre cuidador e criança, sendo por meio deste vínculo que a criança progride a vir explorar o ambiente e se desenvolver de forma saudável, caso as relações parentais e os modelos de educação sejam assertivos. Assim, a presente pesquisa, objetivou elucidar através da revisão literária fatores referentes ao excesso de cuidado, proteção em demasia e necessidade de controle por parte dos responsáveis durante o processo do desenvolvimento infantil. Em que, ao superproteger limitando a criança em explorar, tem-se um impacto negativo diretamente na construção de autonomia deste indivíduo, o que, possibilita em fases posteriores possíveis dificuldades de interações sociais e padrões de comportamentos inseguros decorrentes às situações de superproteção durante as fases do desenvolvimento infantil. Para elaboração de tal, aplicou-se o método bibliográfico de cunho qualitativo, por intermédio de materiais acessados nas plataformas virtuais, sendo: Google acadêmico, biblioteca virtual da Faculdade Farol, monografias e estudos de casos e livros referentes ao tema. Tendo como direcionamento, abordar possíveis malefícios que tais cuidados excessivos podem vir acarretar ao indivíduo em longo prazo, direcionado a presente pesquisa os percalços da problemática da superproteção e seus efeitos psicológicos e funcionais para o ser humano em fases seguintes do desenvolvimento infantil. Considerando-se que, as relações parentais são fundamentais para o desenvolvimento saudável do indivíduo, onde, espera-se que, outras pesquisas do referido tema possam a serem desenvolvidas, em prol da contribuição em potencial diante da discussão atual.

Palavras chaves: Desenvolvimento Infantil. Superproteção. Efeitos Psicológicos.

CHILD DEVELOPMENT: The psychological effects of overprotection

Abstract: Taking into account child development and the need for care and protection, the importance of the attachment relationship between caregiver and child arises, and through this bond the child progresses to explore the environment and develop in a healthy way, if parental relationships and education models are assertive. Thus, the present research aimed to elucidate, through a literary review, factors relating to excess care, excessive protection and the need for control on the part of those responsible during the process of child development. In which, by overprotecting, limiting the child to explore, it has a negative impact directly on the construction of autonomy of this individual, which, in later stages, makes possible difficulties in social interactions and unsafe behavior patterns resulting from situations of overprotection during the stages of child development. To prepare this, the bibliographic method of a qualitative nature was applied, through materials accessed on virtual platforms, including: Google Scholar, virtual library at Faculdade Farol, monographs and case studies and books relating to the topic. With the aim of addressing possible harm that such excessive care may cause to the individual in the long term, this research focuses on the problems of overprotection and its psychological and functional effects on human beings in subsequent stages of child development. Considering that parental relationships are fundamental for the healthy development of the individual, it is expected that other research on this topic can be developed, in favor of the potential contribution to the current discussion.

Keywords: Child Development. Overprotection. Psychological Effects.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. E-mail: claralivia41@gmail.com

² Professora de Psicologia na Faculdade de Rolim de Moura – FAROL Especialista em Neuropsicologia Clínica - CIAP. E-mail: claudineia.fonceca@farol.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

No desenvolvimento infantil, as relações de cuidado, afeto e atenção por parte dos pais/cuidadores são fundamentais para que a criança tenha um crescimento saudável, tendo-os como base de segurança e acolhimento. Entretanto, o que será abordado no presente estudo está relacionado à forma que essa proteção é oferecida e disponibilizada, onde, por muitas vezes é feito de maneira excessiva, podendo gerar impactos negativos que podem acompanhar o indivíduo durante suas próximas fases do período de desenvolvimento infantil.

Entende-se como superproteção, uma forma exagerada em oferecer cuidados e conseqüentemente, impõe limitações em situações vistas como perigosas pelos pais, havendo uma necessidade quase que, obsessiva em ter o controle sobre qualquer comportamento da criança. Diante deste contexto, indivíduos que vivenciam a superproteção na fase do desenvolvimento infantil podem vir a desenvolver problemas com ansiedade, inibição comportamental, limitações para resolução de problemas, rebaixamento dos níveis de autoestima, entre outros, sendo que na maioria dos fatos, a insegurança é tida como característica base no seu repertório funcional.

Portanto, compreende-se que durante o desenvolvimento infantil, o ato de explorar o meio no qual está inserido e a experiência do brincar possibilita à criança um melhor conhecimento de si, facilitando no processo de socialização, devido às situações vivenciadas com demais crianças além de desenvolver capacidades importantes como: atenção, memória, imitação, imaginação e o desenvolvimento de áreas da personalidade, ligadas a afetividade, motricidade e criatividade.

Partindo desse pressuposto, o interesse em compreender esse processo marcado pelo cuidado extremo dos pais para com seus filhos, o presente trabalho se constituiu de uma pesquisa bibliográfica de método qualitativo, onde se tem por objetivo elucidar o desenvolvimento infantil e os efeitos psicológicos da superproteção, discorrendo sobre possíveis conseqüências deste cuidado em excesso. Sendo selecionados artigos científicos referente ao tema através das plataformas virtuais como a biblioteca da Faculdade Farol, *google* acadêmico, artigos e livros.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Desenvolvimento infantil e sua influência na estrutura de apego

Diante do processo do desenvolvimento humano, o foco principal dissertado refere-se à fase da primeira infância, que tem início de 0 e término de aproximadamente 3 (três) anos de idade, no qual, é o período onde a criança é constantemente desafiada em um processo de interpretação dos estímulos biopsicossociais e irá sinalizar as implicações no desenvolvimento humano (FELDMAN; PAPALIA, 2013).

Ao analisar a primeira infância, John Bowlby criou a Teoria do Apego, no qual consiste em descrever sobre a relação que é estabelecida entre o bebê e seu cuidador, onde a criança desenvolve um dos três padrões de apego, conforme a qualidade da relação exercida. Sendo eles: Apego seguro, inseguro evitativo e ansioso resistente, sendo que, os dois últimos remetem uma relação disfuncional com o cuidador, já que o padrão de apego seguro é um fator de proteção ao desenvolvimento, ressaltando que dentro deste processo, os contextos assim como as diversas características da mãe, exercem influência no desenvolvimento do padrão de apego (BOWLBY, 1989).

O apego então, de acordo com Gomes e Melchiori (2012), é o laço de segurança e proteção que o indivíduo desenvolve desde a primeira fase do desenvolvimento infantil, com os cuidados de seu responsável favorecendo o amparo para o seu crescimento. Caso não seja construído esse vínculo, a criança pode se distanciar significativamente dos adultos ao explorar o mundo, expondo-se a situações de riscos, ou até mesmo, desenvolver dificuldades e receio ao explorar seu ambiente. Em que, nota-se que os comportamentos de apego são complementares aos atos exploratórios, pois através de um bom desenvolvimento, geram condições com mais segurança, possibilitando maior autonomia para a criança, referente ao conhecer e desvendar o mundo externo.

Ao desvendar o ambiente, tende-se a ocorrerem trocas recíprocas, onde o sentimento estabelecido é de positividade sobre esse contato social. No qual, quando se refere ao apego inseguro, sentimento de valorização e segurança, são substituídos por sentimentos contrários, como insegurança e problemas relacionados à autoestima e validação. Nesta definição de apego, devido às experiências limitadas pelos responsáveis ou interações malsucedidas, a criança tem a possibilidade de criar expectativas ruins e negativas, especialmente, em torno da disponibilidade dos demais, em momentos de necessidade e irritabilidade, caso não sejam

instruídas e acolhidas por seus cuidadores, incentivando-as novas tentativas bem sucedidas, sendo que, em situações futuras propiciam-se sentimentos de raiva, incapacidade de compreensão, falta de empatia nas relações subsequente e até agressividade (BOWLBY, 1989).

Estudos condizem com a teoria citada acima, onde, segundo a pediatra húngara Emmi Pikler é de grande necessidade e importância construir uma boa relação afetiva entre o adulto e a criança, pois, através desta é possível desenvolver a autonomia como a chave do seu próprio conhecimento, assim como a estabilidade nos fatos, nos espaços e no tempo, sendo base do conhecimento de si próprio e de tudo que o cerca, relacionando ao desenvolvimento da linguagem como meio de comunicação pessoal e envolvendo a compreensão inteligente das necessidades da criança (FALK, 2004).

Diante disso, segundo a autora citada, permitir a criança conhecer e aperfeiçoar suas capacidades e habilidades através do lúdico e o brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, estruturando e reorganizando bases do indivíduo, que influenciam durante todo processo de vida.

2.2 A importância da brincadeira no desenvolvimento infantil

O ato de brincar acontece desde os primeiros meses de vida do indivíduo, ocorre através de estímulos dos pais/cuidadores, familiares ou terceiros. Diante destas interações, a brincadeira é de grande importância no desenvolvimento e aprendizado, pois, por meio deste contato a criança desenvolve seus sentidos, a sua capacidade cognitiva e potencializa sua capacidade de interação com o meio em que vive (SANTOS; PESSOA, 2015).

Vygotsky (1987), já defendia não só a necessidade do brincar para o desenvolvimento, mas também para a elaboração do pensamento da própria criança e por isso, deve fazer parte da infância, reafirmando o quanto se torna necessário o processo de explorar o ambiente sem ser marcado pelo cuidado extremo da superproteção dos pais e/ou cuidadores.

Moyles (2002) acredita que a brincadeira pode ser agrupada de três diferentes formas, sendo através do desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional, neste sentido, o brincar relacionado com o desenvolvimento físico, está ligado a competências de motricidade ampla, fina e psicomotricidade; O brincar associado ao desenvolvimento intelectual, enquadra o domínio linguístico, científico, matemático e criativo; Sendo que para o desenvolvimento da linguagem, podem-se utilizar estratégias como contar histórias.

Conforme o autor supracitado, pedir para criança recontar a história narrada e realizar criações de situações, como estimular a criatividade com atividades de pinturas, é uma das formas válidas para se trabalhar a construção da linguagem durante a brincadeira, visto que, o brincar na criação do social e emocional da criança interage com vários aspectos, como o desenvolvimento da empatia, que está ligada a sensibilidade em se colocar na situação do próximo e proatividade desde o desenvolvimento infantil.

Lira e Rubio (2014), afirmam que é através das interações lúdicas, que se constrói a personalidade de cada ser, pois, estabelecem relações, não somente com pessoas, mas também com materiais e objetos, aperfeiçoando seus gostos e padrões de comportamentos. A partir do qual, evidencia-se que resultados negativos se apresentam na vida adulta, quando ocorre a poda da criança ou adolescente, em momentos cruciais ao desenvolvimento seguro e saudável.

2.3 Superproteção no desenvolvimento infantil

Segundo Bee (1996), a família se destaca como o principal responsável pela socialização da criança, havendo uma internalização de normas e regras, onde, através dessa socialização a criança desenvolve valores apropriados à sua cultura, suas habilidades, desempenho social e se estabelece um bom vínculo familiar, ainda adquire-se confiança e a autonomia, em conhecer e explorar o ambiente.

Quando o processo de desenvolvimento é acompanhado pela extrema proteção e proibições por parte dos pais e/ou cuidadores, consequentemente tal criança tenderá a desenvolver diversos problemas e dificuldades em sua vida adulta, pois, segundo Pellegrinelli (2018), a superproteção é marcada por um controle e preocupação em excesso por parte dos pais ou responsáveis, podendo haver intrusões nas atividades de seus filhos, como vigilância, regras excessivamente rígidas, onde se tem como consequência o impedimento do contato da criança com o meio em que está inserido.

Neste contexto, de acordo com Rita (2018), um dos fatores de possível consequência por parte da criança superprotegida, é uma maior dependência de seus pais ou sua figura de apego, devido às poucas chances que a mesma teve para desfrutar e descobrir o ambiente, além do baixo desenvolvimento de sua capacidade de resolução de problemas o que podem vir a desenvolver maiores pensamentos limitantes com grande intensidade na fase adulta já que, indiretamente é a fase em que se extingue a obediência do responsável e passa a

tomar decisões e reestabelecerem suas novas regras.

Naouri (2008) relata que, tais comportamentos parentais de cuidado excessivo em especial das mães, devem-se à sua insegurança e medo de que algo de ruim possa acontecer à sua criança, o que provoca comportamentos obsessivos de superproteção, onde resulta por prejudicar a construção de sua autonomia. Conseqüentemente, essa forma extremamente protetora torna-se propício a desenvolver padrões inseguros, causando dificuldades e bloqueios no período da inserção escolar e até mesmo na adolescência, devido à falta de evidenciação de suas próprias capacidades, além de estimular a criança uma maior dependência e apego a figura superprotetora.

O autor acima, ressalta ainda que, a superproteção materna potencializa dificuldades em relação à socialização, devido à privação ou pouco contato com os desafios cotidianos, por não terem sido o suficiente na construção de habilidades sociais. Possibilitando assim, desenvolver no indivíduo características mais acentuadas á timidez, potencializando a negatividade, crises de ansiedade e até mesmo, sintomas depressivos em fases como a adolescência e o período adulto.

2.4 Reflexos da superproteção no início da vida adulta

De acordo com Camarano (2006), a fase adulta inicia-se por volta dos 24 (vinte e quatro) anos de idade e define-se por um ganho maior de independência e sucessivamente, de responsabilidade, no qual, surge a necessidade do indivíduo seguir seus próprios direcionamentos, desenvolver a autonomia, pensamentos críticos e resoluções de problemas, colocando em prática habilidades desenvolvidas enquanto criança e adolescente.

Levandowski (2009) entende que se torna necessário uma ruptura com os pais para que assim, se consolide uma verdadeira autonomia e para que ocorra a terceira individualização do desenvolvimento psicológico, sendo nesta terceira individualização o surgimento de “solidão intrapsíquica normativa”, que se caracteriza pela ausência dos pais/cuidadores como fonte de direcionamento e apoio, assim, o conceito de individualização corresponde ao processo evolutivo da independência psíquica, em que cada vez mais o indivíduo adota suas próprias características e peculiaridades e aprende a se desenvolver sozinho.

Ao abordar sobre o início da vida adulta, torna-se necessário compreender a importância do percurso emocional vivenciado desde a infância, que contribui para a

formação e construção do crescimento do adolescente e posteriormente futuro adulto, pois, é principalmente nessa fase que tende a surgir os maiores bloqueios, inseguranças e receios, exigindo-se a aplicação das habilidades adquiridas durante a vida e as tomadas de decisões, caminhando para a independência. Desta forma, o indivíduo marcado pela superproteção, pode vir a desenvolver maiores dificuldades com base a indivíduos que se oportunizaram em se expressar e desenvolver suas capacidades enquanto crianças e adolescentes, podendo vir a desenvolver extremas dificuldades em suas habilidades sociais assim como resoluções de problemas e até mesmo sentimento de incapacidade ao realizar interações sociais (MOTA; ROCHA, 2012).

Segundo Del Prette e Del Prette (1999), as habilidades sociais são consideradas um constructo descritivo e correspondem a um conjunto de classes de resposta ou de comportamento, onde nela está presente questões como iniciar e manter conversações, falar em público, defender os próprios direitos, pedir favores, recusar pedidos, expressar opinião, lidar com críticas, que o indivíduo utiliza para lidar assertivamente ao estabelecer alguma interação social.

Diante desse contexto, reforça-se a importância dos pais e/ou cuidadores permitirem e estimularem a criança em explorar o ambiente em que estão inseridos durante o processo de desenvolvimento infantil, como o brincar, além de instruí-las e encorajá-las em fases subsequentes, pois, é a partir deste vínculo familiar e as interações vivenciadas que o indivíduo, em suas fases posteriores aprende a lidar com os desafios, frustrações e normas (VYGOTSKY, 1987).

Ainda segundo ao autor acima, no período de desenvolvimento infantil, através do brincar são realizados exercícios em que a imaginação, pensamentos de fantasia e realidade interagem na elaboração de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de atitudes, ressaltando que, contribuem não só para a criação do cognitivo, mas também o motor, o social e o físico, vindo a ser fundamental nas fases subsequentes, pois, através do bom desenvolvimento deste conjunto de habilidades enquanto ainda criança e adolescente, tende-se na fase adulta obter maiores facilidades e elaboração referente à autonomia e resoluções de problemas.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo se constituiu através de um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, que tem em seu objetivo apresentar os dados de forma descritiva, onde, para Marconi e Lakatos (2010), o método qualitativo trata-se de uma pesquisa que descreve a complexidade do comportamento humano e evidencia as análises de um ângulo mais abrangente e profundo sobre o tema abordado, as ações e possíveis comportamentos.

Juntamente com o método descrito acima, conta-se com o embasamento da pesquisa bibliográfica como direcionamento e fonte de estudo, no qual, de acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica objetiva a possibilidade de uma análise crítica dos documentos publicados sobre o tema em questão em prol do aprofundamento, a atualização das pesquisas e a potencialização do conhecimento.

Além destes, para a realização do presente artigo, necessita-se de um planejamento e método a ser seguido, onde, segundo Marconi e Lakatos (2011), entende-se por método um conjunto de atividades sistemáticas e racionais de forma transparente e segura, oportunizando o alcance sobre o objetivo da pesquisa, sendo basicamente um roteiro do caminho a ser percorrido, permitindo detectar erros e auxiliar as decisões dos estudiosos.

Desta forma, propõe-se dissertar sobre uma revisão de pesquisa bibliográfica na área do desenvolvimento infantil e quais possíveis efeitos psicológicos deixados pela superproteção destes pais ou cuidadores. Portanto, para a construção deste estudo, têm-se como fonte de pesquisa, livros, teses, artigos científicos, revistas e outros documentos publicados que contribuem na investigação da problemática indexados nas plataformas digitais como: Revista da UFRRJ (*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*), USP (Universidade Federal de São Paulo), *Scielo (Scientific Electronic Library)*, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual da Faculdade Farol, livros em formatos online e *google acadêmico*, projetos de conclusão de curso, monografias, artigos, dentre outros, utilizando-os para a construção e embasamento teórico, tendo como período de publicação entre 2009 a 2018, sendo distribuídos em artigos científicos publicados e livros impressos tendo como direcionamento dissertar sobre o tema proposto: Desenvolvimento infantil: Os efeitos psicológicos da superproteção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da evolução do estudo, observa-se o período da primeira infância sendo de suma importância para o desenvolvimento infantil e conseguinte, pois, é nesta primeira fase que se inicia a base para todas as outras, sendo neste período em que a criança necessita de maiores cuidados e suporte adequado por parte dos seus responsáveis para que se desenvolva a interação com o mundo externo. Dentro de tal processo, surge a socialização com figuras presentes no contexto parental, podendo ser entre, irmãos (ãs), tios (as), avôs (ós), e amigos da família, construindo assim, o vínculo e desenvolvendo a sensação de segurança ou insegurança, além da liberdade em explorar seu ambiente e buscar pelos cuidados de sua figura de apego, quando necessário.

Em concordância com o contexto, Sigolo (2004), define família como “espaço de socialização infantil”, no qual, consiste em ser “mediadora na relação entre a criança e a sociedade”, nas interações familiares como “padrões de comportamentos, sendo através de hábitos, atitudes e linguagens, costumes e valores transmitidos”, assim como, “as bases do desenvolvimento da subjetividade, que se relaciona com a personalidade e identidade” (p. 189). Portanto, o grupo familiar está relacionado como sendo de grande influência para o desenvolvimento saudável da criança, adolescente e posteriormente, jovem adulto.

Assim, retorna-se ao tema desta pesquisa: a superproteção, que se caracteriza por atitudes dos pais ou responsáveis que controlam excessivamente as experiências do indivíduo enquanto criança, ou até mesmo em fases futuras, onde, sem perceberem se apodera do espaço através de rígidas regras, limitação do brincar e vigilância constante dos filhos, que, conseqüentemente impedem a exploração do mundo, sendo considerado, até mesmo como uma negligência a liberdade e autonomia da criança, possibilitando nas fases posteriores o desencadear de diversos bloqueios e comportamentos disfuncionais.

O explorar no contexto infantil está além de conhecer novas perspectivas, é buscar desenvolver habilidades e trabalhar as resoluções de problemas ainda enquanto criança, conviver com as adversidades cotidianas e desenvolver a capacidade de autoconfiança e autonomia, podendo ser desenvolvida através do brincar. Nesta linha de pensamento, Winnicott (1999), evidencia que o indivíduo ainda enquanto bebê necessita vivenciar momentos de frustrações, para que possa compreender e lidar com os impasses de seu ambiente, objetivando novos desafios sem sentir-se incapaz ou até mesmo onipotente, caso não experienciem situações de raivas e insatisfação.

O brincar é um importante processo psicológico que possibilita o desenvolvimento e aprendizagem, no qual, corroboram para a construção de habilidades cognitivas e sociais, desenvolvimento da personalidade, cultura e autonomia que tendem a acompanhar até a fase adulta, gerando comportamentos funcionais ou disfuncionais dependendo do processo de desenvolvimento infantil, onde, de acordo com Silva e Santos (2009), surge em estudos atuais, o cuidado em compreender o período da infância e suas brincadeiras, objetivando identificar formas de sociabilidade da criança no decorrer desta fase, correlacionando com a cultura adulta e suas possíveis dificuldades/problemas.

Obras como de Falck (2004), ressaltam sobre os estudos de Emmi Pikler, médica pediatra atuante no período após a segunda guerra mundial na ala de cirurgia e posteriormente diretora da instituição Lòczy. Pikler, desde então abordava conceitos de extrema relevância sobre o desenvolvimento infantil de 0 a 3 anos de idade, dentre eles, possibilitar que a criança desenvolva seu protagonismo em exercer suas atividades, pois, a criança que consegue algo por sua iniciação e esforços desenvolve um conhecimento além, comparado àquela que recebe a solução pronta, assim, quando seu responsável não interfere na atividade desenvolvida pela criança, não significa um sinal de abandono, pois, o mesmo pode ir auxiliando-a através de trocas de olhares, verbalizando comentários instruindo ou até mesmo positivos, trazendo validação à criança com o sentimento de segurança, cuidado e afeto sem necessariamente fazer por ela.

Ao se deparar com a fase adulta, no decorrer do artigo encontram-se possíveis fatores correspondentes a tais limitações enquanto criança e adolescentes que tendem a seguir de forma acentuada, como, timidez, déficits em habilidades sociais, incapacidade em falar em público, insegurança, baixa resoluções de problemas e baixa autonomia, dentre outros fatores, no qual, reafirmando tais características, Urra (2009), aborda que crianças marcadas pelo processo de superproteção se tornam pessoas inseguras e dependentes, sendo consideradas como frágeis; com baixa autonomia e autoestima, com temores e medos específicos principalmente do desconhecido; dificuldades em tolerar possíveis frustrações e tendências à impulsividade e necessidade a satisfação momentânea.

O autor ainda traz que, tais indivíduos tendem a apresentarem baixa capacidade em persistência em situações que necessitam de esforços; falta de responsabilidade por seus comportamentos, e que são pessoas propensas a serem influenciadas com maiores facilidades por más companhias, assim como, cair em condutas aditivas. Apontando diretamente a todo contexto abordado ao decorrer da pesquisa bibliográfica, que, descrevem os comportamentos

dos responsáveis como possivelmente prejudiciais, mesmo que de forma indiretamente, possibilitando desenvolver inúmeros fatores disfuncionais quando tais indivíduos adentarem na fase jovem-adulta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil marcado pela superproteção por parte dos responsáveis ainda é um tema pouco abordado, principalmente sobre a fase da adolescência e posteriormente, a vida adulta e suas possíveis consequências de tais castrações. Dito isto, é com tal propósito a elaboração e pesquisa do tema em questão, abordar sobre um padrão de comportamento aparentemente inofensivo, de extremos cuidados e proibições e discorrer quais consequências psicológicas posteriormente esta criança pode vir a desenvolver.

Como intuito de pesquisa, além de evidenciar fatores desfavoráveis pela superproteção, analisar os possíveis aspectos positivos do brincar para a criança; avaliar o cenário do desenvolvimento infantil correlacionando à superproteção e identificar fatores predominantes no público jovem-adulto, decorrentes do processo de cuidado extremo.

Ao abordar sobre a primeira fase do desenvolvimento humano, ressalta-se a extrema relevância do brincar e explorar o ambiente, para um bom desenvolvimento em fases posteriores, sendo explícita a importância em médio e longo prazo, como a formação da personalidade; independência; habilidades sociais; autonomia, capacidade em se expressar; resoluções de problemas e desenvolver suas próprias capacidades, sendo ela física, intelectual, social e emocional.

Ao decorrer da pesquisa, entende-se que, por muitas vezes, tais cuidados não são vistos como prejudiciais, ou como excesso de superproteção por parte dos pais, e, conseqüentemente não se compreende que em fases posteriores, tais crianças tornam-se propícias a desenvolverem aspectos negativos em seus padrões de comportamentos, no qual, através da elaboração do presente estudo, foi possível compreender a relação entre a privação de autonomia e excesso de cuidados, sendo como um fator propício a dificuldades em sociabilidade, podendo-se citar dentre eles: falta de autonomia, insegura, medo, dependência, irritabilidade, repertório inferior em habilidades sociais, pensamentos negativos, entre outros. Sendo estes fatores, propensos a serem potencializados ao longo da vida, caso não seja bem desenvolvido anteriormente, ou, posteriormente, necessitará de ajustes através de acompanhamento psicológico.

Desta forma, torna-se possível uma clara visão sobre os efeitos psicológicos da superproteção, dentre eles os malefícios, assim como, dissertar fatores relevantes no período da primeira infância e prováveis padrões a serem manifestados. Além de, servir para novas pesquisas sobre o dado tema, como também, sendo base para orientação á pais/cuidadores que tendem a se exceder na proteção de seus filhos, não percebendo o conjunto de prejuízos que podem vir a acarretar posteriormente, além de toda sociedade num todo e o público acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BEE, H. (1996). **A criança em desenvolvimento**. 5° ed. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil, 1977. Tradução: Antônio Carlos Amador Pereira (e) Rosane de Souza Amador Pereira, 1996.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v.18, n. 3, p.265-274, 2006. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.> Acesso em: 25 out. 2023.
- BOWLBY, J. **Uma base segura**: Aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A., Psicologia das habilidades sociais, terapia e educação. **Revista Eletrônica Reserarchgate**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236334651_Psicologia_da_habilidades_sociais_Terapia_Educacao_e_Trabalho. Acesso em: 13 out. 2022.
- FALK, J. (Org.). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Tradução de Suely Amaral Mello. Araraquara: JM Editora, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/422378224/Educar-Os-Tres-Primeiros-Anos-A-Experiencia-de-Loczy>. Acesso em: 28 set. 2023.
- GOMES, A. A., M., L. E. A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea, 2012. São Paulo: UNESP. Disponível em: cercomp.ufg.br/web/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa__antonio_carrilhos_gil.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.
- LEVANDOWSKI, D. C., P., C. A., & Lopes, R. C. S. (2009). **O processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/yZk33J4tK6bFdC6VFHjMXSc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

LIRA, N., RUBIO, J. (2014). A importância do brincar na educação infantil. **Revista eletrônica saberes da educação**. Vol.5 nº1, 2014. Disponível em: http://www.ufrj.br/r/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf . Acesso em: 11 de out. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Artigos científicos. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 242-247.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOTA, C. P., ROCHA, M. Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. **Revista Eletrônica Scielo**, 2012, Brasília. Disponível em: [scielo.br/j/ptp/a/xgh7jqjP8cn9Q6447YW4Qxk/?t](https://www.scielo.br/j/ptp/a/xgh7jqjP8cn9Q6447YW4Qxk/?t). Acesso em: 05 out 2022.

MOYLES, J. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2002.

NAOURI, A. **Educar os Filhos – Uma urgência nos dias que correm**. 2º Edição. Alfragide: Livros D’Hoje. 2008.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. (Colab.). **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2013.

PELLEGRINELLI, Karina de Barros. Existe associação entre a forma que os pais com TBI foram cuidados na sua infância e a forma como eles cuidam dos seus filhos na vida adulta? **Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo**, São Paulo: 2018. Disponível em: [KarinadeBarrosPellegrinelliVersaoCorrigida.pdf](#). Acesso em: 19 set. 2022.

RITA, A. M. P. S. (2018). A influência da ansiedade e da superproteção dos pais, no desenvolvimento da ansiedade social nas crianças em idade pré-escolar. **Psicologia Clínica e da Saúde**. Algarve. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400>. Acesso em: 17 set. 2022.

SANTOS, G. L; SILVA, J. D. N., (2015). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. **Repositório Institucional da UFPB**, 2015. Disponível em: [bitstream/123456789/2427/1/GLS25082016](https://repositorio.ufpb.br/bitstream/123456789/2427/1/GLS25082016). Acesso em: 28 out. 2022.

SIGOLO, S. R. R. L. (2004). **Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar**. In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). *Temas em Educação Especial: avanços recentes* (pp.189-195). São Carlos: Edufscar.

SILVA, A. F.F.; SANTOS, E.C.M. (2009) A Importância do Brincar da Educação Infantil. **UFRRJ**, 2009. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacaoe.pdf>. Acesso em: 06 set. 2023.

URRA, J. (2009). **O Pequeno Ditador. Da criança mimada ao adolescente agressivo.** 14ª Edição. Lisboa: A esfera dos livros.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

Recebido para publicação em janeiro de 2024.
Aprovado para publicação em maio de 2024.